

ARCHIVO
ARCHITECTURA CIVIL
JORNAL

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS PORTUGUEZES

ARTE-SCIENCIA-HISTORIA

PHILOSOFIA DA ARTE
APRECIAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DOS EDIFÍCIOS
PUBLICOS E PARTICULARES
SYNEROTOMIA
BIOGRAPHIA DOS ARCHITECTOS NACIONAES
E ESTRANGEIROS

HISTORIA MONUMENTAL
DECORAÇÃO PERTENCENTE A ARCHITECTURA
CONSTRUÇÕES URBANAS E RURAES
ARCHEOLOGIA
REVISTA ESTRANGEIRA SOBRE O PROGRESSO
DAS BELLAS ARTES

ACOMPANHADO DE ESTAMPAS

NO EDIFÍCIO GOTHICO PARA ARCHEOLOGIA NACIONAL, NO LARGO DO CARMO

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE PORTUGAL

20, Travessa da Parrochinha, 26

1865



ARCHIVO DE ARCHITECTURA CIVIL

JORNAL

DOS

ARCHITECTOS PORTUGUEZES E ARCHEOLOGOS

SUMMARIO

Architectura: *Origem resumida da architectura*, por J. da C. Sequeira—**Decoração:** *Novas salas no real Paço d' Ajuda*, por J. da S.—**Archeologia.**—**Associação dos Architectos Civis Portuguezes:** *Synopse dos trabalhos da Associação, lida na assembléa geral de 27 de julho de 1865.*—**Construção de edificio publico:** *Programma para o novo projecto do Sanctuario de S. Torquato.*—**Boletim do trimestre:** *Janeiro a Março.*—**Explicação da estampa.**

ARCHITECTURA

Historia resumida da architectura

(Vid. col. 73 do numero antecedente.)

Se a authoridade dos artistas é de pouca monta e valor, de muito menos importancia deverá ser a imitação servil dos afamados edificios que construíram, os quaes na verdade não se devem considerar mais imponentes e predominantes do que os seus inventores. Com effeito, os monumentos escolhidos e abalisados da antiguidade achavam-se recheados de defeitos e de faltas, que visivelmente offendiam a razão e o bom senso de quem os analysava imparcialmente: além de que, as variadas differenças de seus perfis, e das suas correlativas proporções em todos era nimiamente diversa e disparatada.

O mausoléo que se erigiu nas proximidades de S. Remis, na Provença, obra dos bellos dias de Augusto, tinha columnas disforme-mente curtas, e como taes ridiculas e caricatas. O Arco de Constantino, tem pedestaes de uma altura desmesurada; e o templo de Sezifo, descripto e detalhado nas obras de Palladio, offerecia pedestaes isolados, contra os melhores dictames do bom gosto. Os modilhões não ficavam a prumo sobre os eixos das columnas no Arco de Trajano, no Pantheon, e em muitos preconizados edificios. No templo da Piedade e em outros tambem ficavam os *Triglyfos* desaprumados e fóra dos eixos das columnas. O Theatro de Marcelo, e as Thermas de Diocleciano teem as cornijas adornadas com *denticulos*, contra a formal prohibição de Vitruvio. No Arco de Tito havia *modilhões* e *denticulos* accumulados e misturados, a despeito das mesmas regras. E no interior do Phantheon não se observam ociosos e inuteis frontispicios, e arcos deslocados cortando as pilastras do attico, muitas das quaes estão assentes em falso? No palacio de Diocleciano em Spalatro, cujas ruinas ainda subsistem em parte, não se viam columnas assentes sobre quebradiças, e diminutas *misulas* offerecendo o mais repugnante disparate? Se os exemplos dos monumentos antigos houvessem de ter uma authoridade irrecusavel, todos os disparates e extravagancias poderiam ser justificadas e consentidas!

O erudito Mr. de Chambray, no seu luminoso tratado que tem por titulo:—*Parallelo d'architectura antiga com a moderna*—não estabelece outra regra para se avaliar e distinguir a bella architectura, senão:—*o termo de comparação com os monumentos antigos; e a authority de Vitruvio.*—Mas se lhe perguntassem as razões em que se fundára para tanto aconselhar, quem sabe se elle mesmo saberia dar uma resposta concludente e satisfatoria?!... E que poderá com effeito responder terminante e rasoavelmente, quem apenas se funda em authoridades, e em exemplos humanos, em vez de se apoiar em rasões e em verdades?!...

Perguntar-se porque rasão a architectura Greco-Romana é a mais bella, relativamente aos outros estylos,—em que consiste esta belleza,—e quaes são as regras para ella se distinguir e conhecer? E responder-se a todas estas questões com exemplos e authoridades é o mesmo que guardar-se o mais profundo silencio, e por consequencia é querer-se deixar a arte n'uma indeterminação e mobilidade perpetua, arriscando-se a continuas transformações e revezes!.. Quando se trata de levar a effeito qualquer producção architectonica tomarmos como modelos e prototypos os mesmos exemplos e authoridades, é fazermo-nos cegos, e deixarmo-nos guiar por outros cegos, os quaes em vez de nos conduzirem por uma boa estrada, nos irão precipitar n'um despenhadeiro de insondaveis erros! Todos os artistas carecem de principios demonstrados e constantes, deduzidos da natureza das cousas, e cujas consequencias sejam a verdade e a boa rasão, sobre tudo quando se trata do desenvolvimento e applicações d'esta maravilhosa e utilissima arte. Em todos os casos, porém, encontraremos uma vereda plana e segura que nos conduza á desejada e longiqua méta, se soubermos analysar e conhecer bem a fundo a verdadeira origem da sumptuosa e prestante architectura, na magestosa e bem combinada disposição das suas ordens judisiosamente observadas.

Origem das diversas ordens da architectura

Segundo o que deixámos ponderado, é muito provavel que os primeiros homens se abrigassem debaixo das cumiadas das arvores,

ou nas cavidades das rochas, para se deffenderem das inclemencias das estações. Depois, procurando imitar artificialmente, e melhorar aquelles abrigos naturaes, instigados pela necessidade de se procurar reparos menos expostos e insufficientes, é natural que commecassem a construir cabanas rusticas e simples, talvez de fôrma cônica, como a mais facil, e que passando depois a ser reprovada aquella fôrma, em consequencia de seus lados assás inclinados, restrictos e incommodos no interior, se resolvessem a adoptar a fôrma cúbica, primeiramente com a cobertura ou o tecto horisontal, e depois sufficientemente inclinado, ou á maneira de *empena*, a fim de offerecer o preciso declive para facilitar o escoamento das agoas pluviaes, etc.

Dos troncos das arvores firmados verticalmente na terra para sustentarem as coberturas das cabanas, é tambem muito de presumir que resultasse a idéa das *columnas*.

Os troncos foram primeiramente introduzidos no terreno, sem mais addicionamento algum; porém viram que se originava d'esta pratica dois inconvenientes igualmente nocivos e destruidores: o primeiro era, que sobrecarregados aquelles esteios com o peso das coberturas, se iam insensivelmente enterrando pelo chão abaixo, desequilibrando-se as forças que deviam sustentar a solidez do edificio; e o segundo, que em breve os carcomia pela parte inferior a humidade da terra. Foram portanto obrigados os novos constructores a collocarem por baixo dos troncos alguns pedaços de pedra, ou de madeira consistente, e d'aqui se originou a invenção e descoberta das *bases*, que muitos pertendem derivar impropriamente dos aneis e virolas de ferro, ou dos cabos que ligavam as columnas; e Vitruvio, muito mais inconsequentemente, pretendeu deduzil-as dos soccos ou çapatos das mulheres; e Scamozzi das patas dos animaes, ou das raizes das arvores

Os capiteis das columnas derivam-se muito provavelmente dos pedaços de madeira sobrepostos, com os quaes os primeiros constructores procuraram reforçar as extremidades superiores dos troncos ou páos que serviam de espeques ás suas rusticas moradas, para que assim podessem sustentar melhor os pesos das traves horisontaes que por cima d'elles se collocavam immediatamente. Na architectura Chinezã encontram-se columnas sem bases nem capiteis: e nas construcções Gregas tambem adoptavam e empregavam as columnas despojadas d'aquelles dois corpos: o que demonstra claramente, que o primeiro methodo empregado para a collocação das traves sobre os espeques ou esteios, foi muito simples, e sem as precauções que depois se julgaram necessarias; sendo uma d'ellas os addicionamentos dos taes pedaços de madeira que constituíam uma especie de *contra-fortes* superiores, os quaes vindo com o andar do tempo a ser lavrados e embellezados de diversas maneiras, se transformaram por fim em *abbacos* — *boceis* — *gólas* — *astrágalos*, etc.¹, e n'outras diferentes molduras, com as quaes se formaram em tempos mais illustrados muitas e mui variadas bases e capiteis que hoje se estão adoptando nas decorações architectonicas.

Da mesma sorte se deduziram e inventaram os elegantes e caprichosos ornamentos compostos de *folhagens* — *volutas* — *cauliculos* — *festões* — *florões*, etc., de que se compõem os diversos capiteis das ordens superiores: ornatos e adereços que se originaram por certo dos ramos ou pequenas vergonteas que n'aquelles primitivos tempos deixavam junto aos tópos superiores das arvores que formavam os mencionados espeques, e que cheios de folhas, de fructos, ou de flores, dobrados e constringidos pelo volume e sobreposição dos architraves, offereciam á vista varias fôrmas agradaveis que impressionavam aquelles novatos architectos, e d'onde vieram a copiar-se e a extrahir-se os formosos e fantasticos capiteis que ainda hoje se admiram nos fragmentos de architectura de diferentes épocas e estylos!

De similhante maneira, a desigualdade, a escabrosidade, ou as fendas e cavidades quasi verticaes das cortiças e cascas das arvores, suggeriram talvez a idéa das *canneluras*, ou *estrias* das columnas,

¹ No compendio das cinco ordens de architectura de J. B. de Vinhola que compilámos, acham-se desenhadas, descriptas e explicadas as diferentes partes e molduras de que fallámos n'estes Estudos: dando-se tambem ali a interpretação e a etymologia dos nomes de muitas d'ellas.

o que é muito mais natural e verosimil, do que a extravagante lembrança de alguns escriptores, que pretenderam encontrar a origem das mesmas estrias nas pregas dos vestidos das matronas gregas. Tambem é muito de presumir que as plantas parasitas que nasciam junto aos troncos das arvores, e se enleivavam subindo em torno d'elles, fizessem com que os antigos constructores se lembrassem de adornar os fustos das columnas com festões de flores, ou de folhagens, dispostos em fôrma de hélice, como se observava no antigo templo proximo a *Trevi*, e em diversos fragmentos de architectura Romana.

Continua.

J. da C. SEQUEIRA.

DECORAÇÃO

NOVAS SALAS NO REAL PAÇO DA AJUDA

(Vid. col. 53 do n.º 4)

Voltando outra vez á sala forrada com agatha, vamos admirar o que ha de mais mimoso, rico e de melhor gosto, penetrando nos aposentos de Sua Magestade a Rainha.

Entra-se primeiro em um lindo gabinete que faz *pendant* ao outro que lhe fica fronteiro, destinado para a casa em que el-rei fuma. Que surpresa não causa o exame da maneira como está arranjado, a qualidade dos adornos e seu feitio, a novidade da mobilia e a variedade dos objectos! Logo o primeiro contraste que se nota, é o de sahir de uma sala de marmore e entrar em um gabinete forrado a veludo côr de rosa, e guarnecido de trastes todos cobertos de porcelana de Saxe! Cadeiras, espelho de vestir, fogão, bastidor, secretária, *étagères*, lustre, mesa, candelabros, pendula, espelhos apainelados, sofá, e serpentinas, tudo está cheio d'estes ricos e delicados objectos, nos quaes as fôrmas, a belleza do trabalho, o mimoso colorido e dourado das flores, dos passaros, as mil figurinhas engraçadas nas diferentes attitudes, são de mui grande novidade e surpreendem todos, pois ninguem imagina que se podesse possuir uma mobilia completa para uma casa, n'este genero, e de tanto gosto, e ainda mesmo que existisse, não seria facil de encontrar-a em Portugal. Mas logo que a reflexão substitue a surpresa e lembra que se está no gabinete particular de Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia de Saboya, cessa immediatamente a duvida, e cheios de admiração todos ficam extasiados na presença da realidade de tão ricos objectos.

O tecto d'este raro gabinete é de estuque com alguns relevos dourados e com pinturas imitando borboletas e passaros pertencentes aos melhores exemplares do museu de El-Rei; estando a sanca dividida em doze medalhões com igual numero de vistas de Italia e Lisboa, copiadas de um magnifico album que Sua Magestade a Rainha possui. Estas pinturas, collocadas dentro de ovaes, foram pintadas pelos srs. Cinatti e Rambois, e foi trabalho executado com todo o esmero. Se fosse necessario estabelecer ainda o credito d'estes habeis artistas, bastaria esta obra para fazer a sua reputação: bem se vê que trabalhavam no genero em que são eximios, produzindo estas pinturas pela franqueza dos toques, pela graduação dos tons, pela perspectiva dos planos e pela transparencia das côres, o melhor effeito, e tanto mais que estas deliciosas vistas foram bem calculadas para a altura em que estão collocadas. Nada deixam a desejar.

O xadrez do chão é de embutidos de madeiras de côres, de desenho mais delicado que o do primeiro gabinete, e harmonisando com o resto da decoração. Ha aqui outra porta de crystal aberta em uma parede mestra, de 2^m,23. Da mesma fôrma é a janella que tem dois vidros de crystal de 4^m,20 de altura, abrindo-se e fechando-se por meio de corrediças tão suavemente, que uma criança as

poderá mover, não obstante a sua extraordinaria altura e grande peso.

Em cima de uma rica mesa com os pés e travessas de porcellana de Saxe, tendo por coberta uma taboa inteiriça de raiz de uma arvore rara da America, formando os veios arabescos lindos, e de uma côr muito agradável, se vê um grande album de 0^m,60 de comprimento por 0^m,44^o de largo, com capa de mosaico, tendo sobre ella os escudos embutidos das armas de Saboia e Portugal, illustrado com vinte e quatro bellas aguarellas, representando vistas de Veneza, Trento e Istria; as quaes foram expressamente pintadas pelos distinctos artistas Geo Batta, Caffè, Fausto Antonioli, Cecchini, Danielli Giovani, Guerra, Calvi, M. Del Don. Foi offertado este album pelas senhoras d'aquelles tres povos, sendo acompanhadas as vistas de cada uma das tres cidades de lindas poesias escriptas sobre papel do mesmo formato das estampas. No rosto ha a seguinte dedicatória:

A Maria Pia

Principessa reali di Saboia

Che da fede di sposa

A Don Luigi re di Portugallo

Le donne venete trentino istriane

Non potendo offerire

Gli allegri fiori delle redente

Sorelle

Invidiano lagrime e voti

1864

Para completar tão aprimorados adornos e ricos objectos de arte, estão sobre uma mimosa secretaria duas joias, não de pedras brilhantes, mas sim joias que o talento produz, e que têm egual preciosidade pela sua raridade. São duas estatuas de bronze dourado; uma representa um polichinello, a outra o mysterioso mascarado de ferro (que nunca usou mascara de metal, mas sim de veludo preto, tendo molas para poder comer sem a tirar).

A primeira é por metade da outra, tanto na altura como na maior importancia da sua representação, merecimento e riqueza da sua composição. A figurinha representa esse personagem comico da comedia italiana, que Napoles creára, e que no xviii seculo em França transformaram, não no espirito mordaz, mas nos habitos e no porte, dando-lhe duas carcundas oppostas, um nariz aquilino de elevado cavallete, chapéu bicudo de abas achatadas sobre a cabeça, pernas deslocadas, grosseiros tamancos e um vestuario de arlequino. Foi essa caricata figura que todos conhecem composta de uma maneira engenhosa, e muito curiosa pelo seu excellento trabalho. Tanto as corcundas como a copa do famigerado chapéu são formados por tres grandes perolas com apropriada configuração e grandeza relativa á figura que ornam. Parece impossivel ter a natureza produzido com a secreção das ostras perlíferas um contorno que tanto conviesse para ser applicado ao objecto que devia representar!

Continúa.

J. da S.

ARCHEOLOGIA

Para que a sciencia archeologica possa ter em Portugal a acceitação que merece e o seu util desenvolvimento, assim, como tem obtido em todos os paizes mais cultos, seria necessario que o governo lhe prestasse a sua protecção; é com esse intuito que na nossa Associação o architecto Silva propoz que se solicitasse do governo a precisa authorisação, para que as camaras municipaes e os governadores civis do reino informassem a associação dos Architectos Portuguezes, de qualquer descoberta archeologica que nos seus respectivos districtos se possa descobrir; pondo em vigor a *sabia disposição* promulgada por el-rei D. João v em 1721, a qual não se acha derogada, e que se deve fazer reviver para proveito do estudo

das nossas antiguidades, e salvar do vandalismo essas obras de outras eras, tão convenientes de serem conservadas para a historia das bellas-artes no nosso paiz; e logo que se principie a cuidar seriamente n'este objecto, o publico de certo se acostumará a olhar com mais attenção para os nossos monumentos, e conhecerá a valia que ellas tem, e o quanto ganhará a nação conservando essas reliquias dos nossos antepassados. Esta providencia que se requer do governo, não envolve nenhum encargo que venha affectar as despesas publicas, antes pelo contrario contribuirá para não se perderem preciosidades, que até ao presente tem ficado no abandono e desprezadas, sendo reputadas inuteis pela ignorancia do vulgo, e falta de protecção d'aquelles, que por dever e por credito do paiz deviam ter curado á muito pela sua conservação.

Isto deu origem a ser apresentada ao governo a representação que abaixo transcrevemos, para se conseguir a realisação do decreto emanado de el-rei D. João v, mas por emquanto a Associação não recebeu do governo a solução d'este importante objecto, que tanto deve interessar a todos que prezam o seu paiz, e anhelam pelo progresso da sciencia archeologica em Portugal.

J. da S.

Senhor. — É verdade geralmente reconhecida que os monumentos são a chronica de pedra dos paizes em que se erguem; chronica mais exacta e verdadeira do que a devida ás pennas dos escriptores. Estes podem ser, e são algumas vezes, senão muitas enganados por tradições fabulosas ou por outras fontes desauthorisadas a que recorrem para se informarem do passado, e tambem não é raro serem illudidos nas suas apreciações sobre o presente pelo prisma que as paixões lhes põem diante dos olhos, fazendo-lhes vêr os objectos sob falsas côres. Porem os monumentos são como espelhos em que fielmente se rellataram as gerações que os construíram. N'elles delinearam os architectos, e esculpiram os escultores sem quererem, nem attentarem em tal, os usos e costumes do paiz, a sua indole, crenças e aspirações, em fim, o seu estado normal, e o seu atrazo ou adiantamento no caminho da civilisação.

Nos tempos de barbaridade derrocavam-se os monumentos com a mesma facilidade e desprezo com que se destruíam bibliothecas. Porem á maneira que a civilisação foi avançando, as nações que primeiro e mais fortemente sentiram o seu beneficio influxo, começaram a olhar com attenção e interesse para todos esses padrões da antiguidade. E hoje as que se consideram mais cultas: estimam-n'os como reliquias venerandas dos seus antepassados, zelam-n'os e cuidam desveladamente da sua conservação como documentos preciosos para a historia das artes.

Portugal, que tomára a dianteira a todos os povos nos commettimentos mais usados e grandiosos das edades modernas, tambem figurou por algum tempo na vanguarda dessas nações que estenderam mão protectora sobre os monumentos. Deve ao Senhor Rei D. João V, vêr-se outra vez collocado em um pósto d'honra, entre as nações mais civilisadas, depois de ter retrogradado tanto por effeito de grandes e immerecidos infortunios.

A constituição da Academia Real de Historia Portugueza, fundada por decreto de 8 de Dezembro de 1720; os regulamentos sobre o plano geral da vastissima obra que lhe era commettida e ácerca da divisão e distribuções dos trabalhos; e finalmente o decreto providenciado á conservação dos monumentos, de quaesquer reliquias da antiguidade que existissem sobre o solo, ou se viessem a descobrir em excavações casuaes, ou feitas expressamente para esse fim; taes providencias constituem uma gloria do reinado d'aquelle monarcha, gloria que pôde ser invejada por todas as mais nações, pois que nenhuma outra se honra com uma empresa similhante, de tal magnitude e proficuidade.

Traçar-se porém tão largos fundamentos ao edificio que se pretendia erigir, que não podia bastar, certamente, á vida de uma geração para lançar a primeira pedra e pôr a ultima em fabrica tão colossal!

A Academia deixou valiosos documentos do zelo e diligencia com que muitos dos seus membros se esforçaram para corresponder aos desejos do soberano, e aos fim da instituição. Porem, a doen-

ça que levou á sepultura o Augusto Fundador, ao cabo de nove annos de padecimentos, foi como um golpe que feriu mortalmente a Academia. D'est'arte viveu ainda alguns annos quasi inteiramente inactiva, até que cessou de existir, ficando por concluir a tarefa a que metêra hombros.

Assim tambem caiu em desuso, e ficou letra morta o sabio e patriotico decreto, que velára durante quasi todo aquelle largo reinado pela conservação dos nossos monumentos historicos e artisticos.

O terremoto do 1.º de Novembro de 1755 alastrando de ruinas uma grande parte do reino, e derrubando muitos dos seus melho-res monumentos, foi, em nossa opinião, a causa que mais contribuiu para se annular completamente não só aquelle impulso civilizador, mas até os effeitos moraes que elle tinha produzido no animo do povo.

O que é certo, é que desde então começou a desenvolver-se entre nós uma fatal indifferença, ou antes desprezo para com os padrões da antiguidade.

O serenissimo Principe Regente e ao diante Rei, o Senhor D. João VI, quiz oppôr um dique á progressão d'estes males, e por decreto de 4 de Fevereiro de 1802, declarou em vigor o do Senhor Rei D. João V de 14 de Agosto de 1721. Não corresponderam, porem, os resultados a tão louvavel esforço, porque lhe obstaram os acontecimentos politicos, que sobrevieram passado pouco tempo. Infelizmente o mal não ficou estacionario com o máo exito da tentativa. Aquella indifferença e desprezo, augmentando pelas naturaes consequencias, e pelas longas discordias civis, converteram-se, quasi que se pode dizer em odio, chegando a assumir as proporções de uma doença chronica do corpo social: uma como febre demolidora, que nada poupava, que arremetia raivosa contra as mais venerandas testemunhas das passadas glorias de Portugal.

O sucessivo desaparecimento de inumeras inscrições latinas e dos restos de muitas cidades romanas, que ainda se viram ne meião do seculo xviii, o derrubamento constante de tantos castellos que fallam do valor e coragem com que os nossos antepassados defenderam a independencia e liberdade d'esta boa terra; a destruição, que estamos presenciando a cada passo por todo o reino de tantas memorias historicas, e antigualhas curiosas, não se podem considerar simplesmente uma perda real e mui grande para a nação, pois que tambem são um desdoiro para o seu nome.

A Associação dos Architectos civis portuguezes, com quanto lamente profundamente estes males, não vem propôr ou solicitar agora de Vossa Magestade providencias que lhe ponham cõbro. Reconhecendo por um lado as difficuldades do assumpto, vendo por outro lado em via de restauração alguns dos nossos principaes monumentos historicos e artisticos; e crendo que é chegada a epocha de principiar a esclarecer-se o espirito publico sobre a significação e valor de taes objectos; confia em que o governo de Vossa Magestade não deixará de pensar, logo que lli'o permittam outros negocios mais graves e urgentes, nos meios de salvar, pelo menos, das devastações dos homens o que nos resta de fabricas antigas.

O que traz esta Associação aos pés do Throno é o desejo de dar realisação a um pensamento que ao mesmo tempo que e exiquivel desde já, será de muito lustre para a arte, e de honra e proveito para esta Associação e para o paiz.

Guiada por estes nobres estimulos e em cumprimento dos deveres que lhe impõe a missão que a si tomára, de promover por todos os modos ao seu alcance o desenvolvimento e esplendor da arte, resolveu crear um museu archeologico no edificio gothico do Carmo, que o governo de Vossa Magestade generosamente lhe concedeu para este fim.

O museu está fundado e os seus principios são tão auspiciosos, que lhe promettem rapido engrandecimento. Graças ao animo patriotico de algumas pessoas, que tem offertado varios objectos archeologicos de bastante apreço, e graças tambem ao illustrado Governo de Vossa Magestade e Camara Municipal de Lisboa permittiram que para alli fossem removidas, e ahí figurassem em quanto, o nosso Governo e Camara lhe não davam mais conveniente destino, diversas obras de escultura; o museu archeologico d'esta Associação já apre-

enta aos estudiosos algumas estatuas, tumulos, baixos relevos, medalhas e outros objectos archeologicos, que são specimens da arte de variadas epochas, desde o tempo dos romanos.

Se a Associação alli poder colligir o maior numero possivel das lapidas e cippos romanos de outras inscrições antigas, e dos fragmentos de esculptura que se acham dispersos por todo o paiz, e em completo estado de abandono e desprezo, se lograr ir augmentando successivamente as suas colleções com as medalhas, obras d'arte, ou quaesquer outras antigualhas que venham a descobrir se por meio de escavações; terá instituido dentro d'aquellas sacrosantas paredes, que commemoram um dos maiores feitos d'armas de que esta nação se gloria, um verdadeiro atheneu, onde os portuguezes possam ir estudar a historia da architectura e da esculptura em a nossa patria. Então os que quizerem escrevel-a, acharão ali reunidos preciosos elementos para um livro consciencioso, que nos falta, e de que tanto havemos mister.

Todavia, por maiores que sejam os desejos e os esforços d'esta Associação, não poderá obter taes resultados sem a cooperação do Governo de Vossa Magestade. Solicita-a, pois, para que, por intermedio das camaras municipaes e administradores dos concelhos s recomende aos proprietarios de qualquer das referidas antigualhas, de quem as mesmas auctoridades tiverem noticia, ou que vierem a descobrir-se no decurso do tempo, que as não destruam ou alienem sem que a Associação dos Architectos Civis Portuguezes seja avisada, a fim de enviar á respectiva localidade pessoa competente para diligenciar adquirir, por dadia ou por compra, para o museu da Sociedade, o objecto em questão, sendo interessante e transportavel, e em caso contrario, isto é, se fôr impossivel o accordo ou o transporte, para desenhar escrupulosamente esse objecto, de modo que a sua existencia e formas fiquem bem consignadas, e possam servir de base para estudos posteriores.

Vossa Magestade, fazendo assim reviver, em harmonia com os principios vigentes, e sem onus algum para o estado, as sabias disposições do decreto do Senhor Rei D. João V, dará um novo lustre ao seu reinado, procurando salvar da destruição o que nos paizes cultos é assumpto de apreço cada vez maior e de assiduas locubrações; e proporcionando a esta Associação mais um meio de realisar todo o seu pensamento, em honra e utilidade da classe que representa, e de toda a nação.

Pede pois a Vossa Magestade a graça de deferir-lhe como supplica

Lisboa, 14 de maio de 1866.

E. R. M.

O PRESIDENTE

Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

1.º SECRETARIO

José da Costa Sequeira.

2.º SECRETARIO

Paulo José Ferreira da Costa.

ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS PORTUGUEZES

Synopse dos trabalhos da Associação dos Architectos civis Portuguezes lida na assembléa geral de 27 de julho de 1865

Já lá vão decorridos mais de dezoito mezes da nossa existencia social, e mais de tres trimestres se tem passado sem que se cumpra o dever da apresentação do relatorio dos trabalhos d'esses periodos, que nas sessões geraes trimestres, vos devem ser patentes: involuntarias faltas teem dado logar a isso. Da bonhomia de que sois dotado, espera-se a necessaria indulgencia.

No trimestre que findou em dezembro, não houve relatorio, porque o senhor 1.º secretario, por causas estranhas á sua vontade, o não pôde fazer.

No trimestre que findou em março, por se julgar incommodo aos



socios tantas reuniões, e serem estas só obrigações do regulamento, e que se não convocou a assembléa n'este trimestre.

O relatório da presente assembléa comprehenderá por conseguinte os successos occorridos desde a ultima sessão d'assembléa geral, em setembro proximo passado.

A penna mais habil do que a minha, pertencia este trabalho (ao nosso 1.º secretario o senhor José da Costa Sequeira), mas o cargo e commissões de serviço publico, de que este senhor se acha incumbido, nos privaram d'obter d'elle esta tarefa.

Sêde para comigo indulgente, assim como eu sou prompto em pedir-vos venia e tolerancia.

Na sessão de 22 de outubro, leram-se dois officios do ministerio das Obras Publicas, um participando que se havia dado á nossa associação a quantia de 200,000 réis para se fazer um tapume na igreja gothica do Carmo, e o outro remettendo o mappa das amstras dos materiaes do districto d'Evora.

A respeito d'este officio resolveu-se que se mandasse publicar nos jornaes um agradecimento ao distincto e intelligente director d'aquelle districto.

Outro officio do ministerio dos negocios estrangeiros, remettendo um exemplar da ordenação sobre construcções architectonicas rusas.

Nomeou-se uma commissão para agradecer ao senhor ministro dos Negocios Estrangeiros a referida remessa. Outra, para conjunctamente com os socios fundadores da Sociedade Archeologica Lusitana, proporem os meios de se continuarem as escavações nas ruinas de Troia, defronte de Setubal.

Um officio da Camara municipal de Lisboa, respondendo que seria feita a escavação para desentulhar o portico da igreja gothica do Carmo, quando o museu estivesse estabelecido!

Uma proposta do sr. marquez de Sousa Holstein, para que se pedisse ao ministerio das Obras Publicas, para que dos differentes districtos do reino, se mandassem para o nosso muzeu todos os objectos architectonicos que se podessem obter.

Outra proposta do sr. abbade de Castro, para que se pedisse ao chefe dos trabalhos geodesicos, a indicação de todos os objectos que possam ser descobertos no andamento dos trabalhos scientificos dos seus subordinados.

Outra do sr. Miguel Osorio Cabral, para se mandarem instrucções aos socios correspondentes nas provincias, para se informarem sobre as antiguidades que alli existem.

Foi approvedo socio o sr. marquez de Abrantes, D. José Maria de Lencastre.

Na seguinte sessão, leu-se um officio do chefe da administração civil do ministerio do reino, participando não poder conceder a igreja moderna do Carmo.

Uma carta do ex.º sr. Augusto Filippe Simões, offerecendo-se para informar a sociedade, relativamente aos monumentos existentes na cidade de Evora, quando as ditas informações precisarem ser mais historicas do que artisticas, e tambem participando não poder fazer a remessa de fragmentos architectonicos, pois se projecta alli fazer no templo de Dianna e na Bibliotheca Publica, uma collecção de antiguidades.

Outra carta do ex.º sr. Manuel da Fonseca Pinto, participando que convidára o sr. architecto de Braga, para membro da nossa associação, e que elle de bom grado a isso se prestára.

Os srs. Valentim José Correia e Paulo José Ferreira da Costa, lembraram a necessidade de se adquirir para o deposito que se pertende fazer, varios fragmentos de architectura, indicando o primeiro dos ditos senhores, uma janella antiga que vae ser demollida nas obras do edificio de Belem, e officiou-se para esse fim ao ex.º sr. Provedor da Casa Pia, o qual respondeu não poder dispor d'ella por emquanto.

O Sr. Presidente participou que se tinham concluido os modelos de escultura para o projecto do monumento de S. M. o Senhor D. Pedro IV incumbido ao nosso digno socio o Sr. Bordalo Pinheiro, tendo sido entregue o modelo na repartição das Obras Publicas no dia marcado. A Associação decidiu que se fizesse menção honrosa

na acta, da maneira por que o mesmo senhor concluiu a obra, assim como de todos os mais senhores que trabalharam para o mesmo fim.

Na sessão immediata leu-se um officio do ministerio das Obras Publicas acompanhado dos mappás dos materiaes do Districto de Viseu.—Uma carta do Socio correspondente de Thomar, o sr. De Roule, remettendo o conhecimento do transporte pelo caminho de ferro, de tres pedras sepulchraes pertencentes aos Cavalleiros Templarios.—Um officio do vice-Presidente da Sociedade Archeologica Lusitana, aceitando o convite para se propôr a maneira de continuar as escavações em Troia.

Foi admittido na classe de socio amator o sr. Alfredo d'Andrade.

O sr. Presidente tendo perguntado ao sr. Ministro das Obras Publicas o que deliberava a respeito dos 200,000 rs. que a Associação já tinha recebido para o tapume, respondeu que propozesse a Associação outra coisa em que aquella quantia fosse empregada.—Entrando em discussão esta materia, decidiu-se que a referida quantia fosse applicada para as despezas necessarias a fim de cohibir as entradas no edificio gothico do Carmo. Approvou-se o projecto elaborado no conselho para as edificações ruraes.

Na seguinte sessão foi lida uma carta do illm.º sr. Infante Corrêa offerecendo um portal de gosto arabe que o sr. Silva pediu para a Associação. Por proposta do sr. Presidente em gratidão por este obsequio, foi o dito senhor nomeado socio honorario.—Leu-se uma carta do ex.º sr. José Liberato Sanches da Silva aceitando a nomeação de Socio correspondente em Elvas.

Foram admittidos como Socios amadores os illm.ºs srs. Joaquim Antonio de Freitas, Vicente Ferreira Brandão e Joaquim Lopes Carreira de Mello.

O sr. Thesoureiro apresentou as contas correspondentes á gerencia de cinco mezes decorridos desde 1 de julho até 30 de novembro de 1864, as quaes foram approvadas por proposta do sr. Secretario, consignando-se na acta um voto de agradecimento.

Continúa.

P. J. FERREIRA DA COSTA
2.º Secretario.

CONSTRUCÇÃO DE EDIFICIO PUBLICO

Chamámos a attenção dos nossos leitores ácerca da deliberação tomada pela *Irmandade de S. Torquato de Guimarães*, a qual offerece uma bella occasião aos nossos collegas, para exercerem o seu talento e saber, concorrendo para o concurso que a mesma irmandade propõe, dando um louvavel exemplo, que devia ser seguido sempre, para que no paiz se construíssem os edificios sem defeitos architectonicos, e que apresentassem o character mais apropriado para o objecto a que se destinam. Já era tempo que em Portugal a *architectura civil* fosse exercida por aquelles que para isso se acham habilitados, e não por curiosos ou operarios; mostrando esta pratica qual é ainda o atrazo do publico a respeito d'esta arte, e illudindo-se os proprietarios incautos, julgando que a *architectura* é o mesmo que fazer paredes ou armar barracões. Felizmente nem todos dão este testemunho de falta de bom gosto e discernimento, pois sabem conhecer a grande differença que existe na pratica de *um officio* ou a *sciencia* necessaria para se exercer a profissão de architecto; d'este numero são as pessoas que compõem a irmandade de S. Torquato, como se póde julgar pelo concurso que abriu, afim de se edificar um templo digno do culto, convidando os architectos para satisfazerem ao programma que transcrevemos em seguida.

CONCURSO DE ARCHITECTURA

NOVO PROJECTO PARA O SANCTUARIO DE S. TORQUATO

PROGRAMMA

Os mezarios da irmandade de S. Torquato, encarregados da administração das obras do sanctuario que se anda edificando proxi-

mo de Guimarães, convencidos de que prestam um bom serviço ao paiz concorrendo para o monumento que pretendem erigir, além de ser em tudo digno do fim para que é destinado, apresente fórmulas diversas d'aquellas que vulgarmente se empregam n'este genero de construcções, tornando-o por esse modo proprio a chamar a attenção, não só dos nacionaes, mas tambem dos estrangeiros, decidiram, depois de competentemente authorisados pela junta definitoria, pôr a concurso o novo projecto para a referida obra, com as seguintes condições:

1.^a Achando-se já construida a capella-mór, sacristia e os alicerces de toda a obra, segundo o projecto que estava em construcção, e não convindo desprezar o trabalho que está feito, é indispensavel que os concorrentes o aproveitem, sendo-lhes pórem permitido qualquer pequena alteração, e occultar exteriormente com novas construcções, mas de pequeno vulto, os pannos de muro da capella-mór, cujo estylo não possa harmonisar com qualquer outro que houver de se adoptar. No interior póde-se fazer uso da obra de entalha.

2.^a A capella do lado direito ha-de ser exclusivamente destinada para o jazigo e publica exposição do corpo do milagroso santo, e na sua distribuição deve haver o maior cuidado em que as entradas e sahidas dêem facil accesso ás 25:000 pessoas que alli affluem no dia da romagem.

3.^a Uma das torres deve ter as disposições precisas para conter um carrilhão.

4.^a O projecto deve constar de:
Uma planta baixa.
Um alçado principal.
Um dito lateral, sendo os lados iguaes, e não o sendo far-se-hão dois alçados.

Um dito posterior.
Um córte longitudinal.
Um dito transversal no arco cruzeiro.
Um dito na nave.

Pelo menos seis folhas de detalhes de 0^m,80 por 0^m,55.
A planta, córtes e alçados, na escalla de 0^m,01, e as folhas de detalhes na de 0^m,04.

Uma memoria descriptiva, explicação de todos os detalhes; systema de construcção das diversas partes do edificio, um metrado e um orçamento.

5.^a O projecto será todo cotado pelo systema metrico, e de modo que não seja preciso em caso algum recorrer á escalla; todas as dimensões devem ser marcadas a carmim, entre chamadas que indiquem os pontos a que se referem.

6.^a Fica á escolha dos concorrentes o estylo que quizerem adoptar, com tanto que se não faça uso nem do grego nem do romano.

Cumpra, porém, que tenham em consideração, que a pedra da localidade é o granito fino, que se não presta a trabalhos tão delicados como o calcáreo.

7.^a A irmandade offerece um premio de 300\$000 réis ao author do melhor projecto, e um segundo premio de 100\$000 réis áquelle que fôr classificado em segundo grau. Se o jury não julgar nenhum d'elles digno de premio, proceder-se-ha a novo concurso.

8.^a O jury será composto do seguinte modo:
Presidente — Barão de S. Januario. Vogaes — Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, *Architecto da Casa Real* — José da Costa Sequeira, *Professor de Architectura da Academia das bellas artes de Lisboa* — Paulo José Ferreira da Costa, *Membro da associação dos architectos civis* — João Joaquim de Mattos, *Director das obras publicas do districto do Porto* — Gustavo Adolfo Gonçalves e Souza, *Professor de Architectura da Polytechnica do Porto* — Manoel de Almeida Ribeiro, *Professor de Architectura da Academia das bellas artes do Porto* — José Gomes Monteiro. — Um mesario da irmandade de S. Torquato.

9.^a Uma exposição dos projectos que se destinarem ao concurso será feita em local apropriado, por espaço de oito dias, em cada uma das cidades de Lisboa, Porto e Guimarães.

10.^a A todos os architectos e engenheiros que o exigirem, será

enviada uma planta e um alçado, indicando a obra que já se acha concluida, e a parte que ainda está em alicerces.

11.^a São admittidos ao concurso os nacionaes e estrangeiros.
12.^a Cada projecto deve trazer um signal ou um distico, e será acompanhado de uma carta fechada com o nome e a residencia do author. No sobrescripto deve trazer o signal ou o distico que pertencer ao projecto.

13.^a Os projectos que forem assignados por seus authores, serão excluidos do concurso.

14.^a Os projectos serão entregues a Joaquim José de Azevedo Machado, em Guimarães, secretario abaixo assignado, que em troca dará um recibo indicando o signal ou o distico que lhe servir de distinctivo. Os projectos que não forem premiados serão restituídos a seus authores á vista do recibo que apresentarem, respeitándose o sigillo das cartas que acompanharem os desenhos. Ao sobredito secretario devem ser dirigidos todos os pedidos a que se refere a 10.^a condição.

15.^a O praso para o concurso findará impreterivelmente no dia 31 de Agosto de 1867, e o resultado do concurso será annuciado nos mesmos periodicos que publicarem o presente programma.

Guimarães, 15 de Dezembro de 1866. — *Visconde de Santa Luzia*, juiz — *Joaquim José de Azevedo Machado*, secretario — *Antonio José de Meira*, thesoureiro — *Antonio José de Freitas*, caixa — *Custodio Fernandes de Macedo*, procurador.

BOLETIM DO TRIMESTRE

(JANEIRO A MARÇO)

Em primeiro logar damos a integra do honroso officio de convite enviado pela *Sociedade Imperial e Central dos Architectos de Paris*, para haver nessa capital um congresso internacional dos Architectos de todos os paizes; o qual é do theor seguinte:

**SOCIEDADE IMPERIAL E CENTRAL DOS ARCHITECTOS
Á MONSIEUR DA SILVA**

PRESIDENTE DA SOCIEDADE DOS ARCHITECTOS DE LISBOA

Senhor Presidente. — A sociedade imperial e central dos Architectos Francezes reunida em assembléa geral deliberou o seguinte: Durante a epoca fixada para a Exposição Universal de 1867 a sociedade imperial e central dos Architectos celebrará uma conferencia internacional para que convidará todos os Architectos francezes e estrangeiros.

Resolveu portanto a sociedade, que o seu presidente communicaria ás diversas sociedades francezas e estrangeiras a resolução tomada, indicando-lhes a época provavel em que deve realizar-se a dita reunião e dirigindo-lhes um convite anticipado com a indicação do programma dos assumptos que hão de ser tratados na referida conferencia.

Partecipo-vos pois, senhor, a decisão tomada pela sociedade a que tenho a honra de pertencer, e rogo-vos que de accordo com os vossos collegas, vos digneis concorrer para a realisação do objecto que a sociedade tem em vista.

Communicar-vos-hei com a devida oportunidade o dia em que deverá ter logar a primeira reunião, logo que seja aprasado, podendo-vos indicar desde já que a sociedade pretende limitar o tempo das sessões, de 15 de julho a 15 de agosto de 1867.

Devendo tambem ser limitado o numero das sessões, que apenas serão quatro, a sociedade adoptou um programma de quatro assumptos, que pelo seu character de generalidade lhe pareceram os mais proprios para corresponderem aos fins de uma conferencia internacional, cujo programma é o seguinte:

1.^o Mostrar qual é o estado actual da Architectura entre os diversos povos contemporaneos, e quaes são as suas tendencias?

Esta questão deve ser tratada principalmente no sentido esthetico e philosophico.

2.^o Que methodos de ensino estão em uso na presente epoca em cada paiz?

Far-se-ha a exposição destes methodos indicando-se os principios, as consequencias, as vantagens, e os inconvenientes que d'elles resultam.

3.º Demonstrar a importancia e a cathogoria que o Architecto deve exercer na sociedade, professionalmente considerado.

4.º Fazer vêr a influencia que a Architectura pôde ter sobre todas as producções da industria.

Ristringindo-se quanto seja possivel este assumpto á época actual.

A escolha destes quatro pontos vos indicarão, sr. Presidente, os fins que a sociedade franceza teve em vista ao tomar a iniciativa de uma conferencia nacional de Architectos, esperando que concordando com ella, conhecereis que tão ponderosos objectos não pôdem ser indifferentes a todos os individuos que professando esta nobre arte, se podem considerar irmãos, qualquer que seja a sua patria, devendo portanto reunir-se para se conhecerem, e communicarem mutuamente as suas ideas. Dignae-vos, sr. Presidente, acreditar a distincta consideração que vos consagra.

O Presidente da sociedade Imperial e Central dos Architectos, Membro do Instituto, *V. Baltard.*

Paris, 3 de outubro de 1866.

As correspondencias relativas á conferencia internacional de 1867 devem ser dirigidas, *Au siéje de la Société á Paris, rua Vivienne n.º 7.*

A SESSÃO SOLEMNE DA NOSSA ASSOCIAÇÃO, que tinha sido transferida para o dia 25 de março d'este anno, fez-se com a maior decencia, e com muito mais brilho pelas interessantes memorias que n'este acto se leram; entre ellas sobresalhiu a erudita memoria archeologica do distincto presidente da associação, o exm.º conselheiro Feijó, que apresentou uma interessante apreciação sobre architectura da antiga igreja de Alcobaça; comprovando com a maior clareza que os portuguezes devem reivindicar ter sido applicada a forma ogival nas mais antigas construcções que os godos fizeram em Portugal: e portanto seria na Luzitania que esta curva de nova especie teria apparecido. Foi proposto pelo socio o sr. J. da Silva, em acto continuo, para que a nossa associação mandasse verter para francez aquella importante trabalho do ex.º sr. conselheiro, para ser remettido a todas as associações dos architectos estrangeiros. A outra memoria, em que o ill.º sr. J. da C. Cascaes, tratou da biographia do mui distincto architecto Manuel da Maia, que delineou e dirigiu as obras do famoso aqueducto das Aguas-livres em Lisboa, foi mais um trabalho litterario que veio augmentar o merecido credito de tão conhecido escriptor; e não se podia escolher mais apropriado panegyrista para tão abalizado artista: louvores á associação pelos seus nobres esforços para ennobrecer o merecimento dos architectos portuguezes, parabens aos seus dignos socios por contarem no seu numero tão assignalalos membros.

Havia sido lido antes, pelo socio fundador o sr. J. da Costa Sequeira, um bem elaborado relatorio, em que os factos mais notaveis dos trabalhos e do desenvolvimento que já tem obtido a nossa Associação, eram indicados e apreciados com o maior esmero e em estylo correcto e ameno, mostrando sua s.ª a facilidade de que é dotado em descrever a historia da marcha progressiva dos nossos desde a fundação da Associação dos Architectos civis portuguezes no nosso paiz.

PRELECCÕES SOBRE ARCHITECTURA OGIVAL.—Na ultima quinzena inscreveram-se como ouvintes quarenta e quatro mancebos, porém os mais assiduos tem sido dezeseite. O socio architecto o sr. J. da Silva, tratou do periodo da idade media nos differentes paizes da Europa, em que a arte ogival foi applicada nas construcções monumentaes; tendo mostrado o desenvolvimento e progressos que obtivera, tanto em França, como na Alemanha e Inglaterra, até á sua perfeição, isto é, no seculo xiii; depois explicou as alterações e metamorphoses porque passou quando foi introduzida na Italia e Hespanha. Para maior apreciação architectural deste estylo ogival, o sr. Silva apresentou dezeseis vistas coloridas em transparentes, para se poderem comparar os principaes monumentos deste genero, pertencentes aos diversos paizes em que a arte ogival teve acceitação.

FOI OFFERTADO PARA O MUSEU DO CARMO um objecto de bronze pertencente aos celtas: parece ser uma arma offensiva; foi encontrada esta curiosa antigualha archeologica, na propriedade de um cavalheiro na Abridada, que teve o louvavel e generoso pensamento de ser conservado este raro objecto na collecção archeologica do Museu.

NO N.º 50, TOMO IX, DE 1866, DO ARCHIVO PITTORESCO, deparamos com uma noticia publicada pelo erudito sr. Abbade Castro, acerca do mosteiro de Belem, em que se diz tambem ir ser exposto um modelo de madeira do regio edificio, no estylo chamado impropriamente *gothico*, e com maior rasão *manuelino*, na exposição de Paris do anno de 1867¹. Em additamento a esta noticia, descreve o profundo litterato, o sr. J. de Vilhena Barbosa, o referido modelo por este modo:

«Tivemos occasião de ver e admirar o bello modelo a que se refere o artigo supra, cujo desenho foi feito pelo distincto architecto, o sr. J. Possidonio Narciso da Silva. O sr. Silva traçando a planta d'aquelle edificio monumental com um projecto de acabamento de sua invenção, e obtendo que mui habilidosas mãos executassem esse risco em madeira, e com proporções taes que deixa ajuizar com a maior exactidão da magnificencia e bellezas artisticas do monumento, fez um bom serviço ao paiz e ás artes.

..... O monumento por excellencia das glorias de Portugal vae ser dignamente representado na exposição universal de Paris. A magestade e formosura do edificio, e a perfeição do trabalho esculptural, hão de chamar sobre elle, certamente, as vistas e attenção das pessoas que concorrem áquella esplendiça festa do trabalho.»

«Tal é o serviço que o sr. architecto Silva acaba de prestar á sua patria. Para que esse serviço fosse completo, não quiz, com muita razão, que o modelo mostrasse aos estranhos as vergonhosas superfetacões com que a ignorancia e a barbaridade ousaram mascarar a nobre frontaria do templo, obstando ao seu acabamento.»

..... EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS.—A associação dos architectos civis portuguezes mandou para esta exposição os seguintes objectos pertencentes ao Museu de archeologia:—1.º O modello do bello pulpito de Santa Cruz de Coimbra;—2.º Dois lindos anjos de marmore, esculptura do ensigne artista *Machado de Castro*;—3.º Dois altos relevos em alabastro, representando passos da Paixão de Jesus Christo; estas esculpturas, foi obra executada na India;—4.º O busto antigo de el-rei D. Affonso Henriques, que ornava o seu palacio d'Alcaçovas em Santarem;—5.º Um festão de flores em alto relevo, obra executada em pedra, sendo o fundo marchetado de marmore de côr; pertencia á arruinada igreja de Santo Antão, em Lisboa;—6.º Uma inscripção bysantina da era de 1294, pertencente a uma igreja demolida em Coimbra;—7.º e 8.º Dois caixotes com differentes padrões de azulejos pertencentes ás antigas igrejas que foram demollidas em Lisboa.

ARCHITEKTEN-VEREINS ZU BERLIN.—Principiou-se neste anno a publicação d'este jornal d'architectura na capital da Prussia; o distincto architecto mr. *Charles Fritsch*, escreveu ao socio o sr. J. da Silva, participando-lhe que a associação dos architectos de Berlim havia resolvido crear um jornal para vulgarisar os conhecimentos da nossa profissão, e advogar os interesses da nossa classe: serviço de grande utilidade para os architectos de todos os paizes. Já se publicaram doze numeros, pois que esta publicação é semanal. Em outro lugar nos occuparemos d'este valioso auxiliar, que vem pugnar pelo progresso da nossa profissão, e fazer conhecidos os artistas de merecimento.

MR. J. H. LELIMAN, secretario geral da associação promotora dos architectos de Amstardam nosso socio honorario, participou ao

¹ Vide le memoire descriptif du projet d'une restauration pour l'église monumentale de Belem, modèle fait pour l'exposition de Paris 1867, d'après les des-seins de l'architecte de S. M. le roi de Portugal, le chevalier J. da Silva.

seu confrade e collega o architecto J. da Silva, que no mez de agosto proximo se festejaria na capital da Hollanda o XXV anniversario da associação dos architectos neerlandezes, e para esse fim convidava este socio honorario, para concorrer para a grande exposição artistica que deve ter logar n'aquella occasião; assim como á associação dos architectos civis portuguezes: declarando ao mesmo tempo que hia remetter novas obras de architectura offerecidas á nossa associação. Sem duvida devemos muita consideração e finezas á associação dos architectos de Amsterdam, e esperamos retribuir-lhe com igual empenho as suas demonstrações de sinceros confrades, agradecendo desde já esta nova offerta.

O SOCIO ARCHITECTO J. P. N. DA SILVA, acaba de obter approvação da associação dos architectos portuguezes, sobre a sua proposta para que se mande esculpir os nomes dos architectos e as eras, nos monumentos que foram executados no reino, até ao XVIII seculo inclusivé; havendo porém, toda a certeza quem foram os artistas que os delinearam: o governo concedeu a precisa authorisação, para a realisação d'este pensamento de tanta utilidade.

O EX.^{mo} J. DE ANDRADE, DISTINCTO ARTISTA que se acha em Italia aperfeiçoando-se nas bellas-artes, e que é socio da associação dos architectos civis portuguezes, offereceu ultimamente a esta associação uma bellissima collecção de oitenta e seis qualidades de amostras de materiaes, dos quaes se faz uso na cidade de Roma; vindo acompanhado d'um mappa no qual se designa o sitio de onde provem e o seu respectivo preço: portanto este artista portuguez não se contenta só em adquirir maiores conhecimentos na sua arte, na qual já se tem distinguido, mas não se esqueceu tambem, postoque dis-

tante da sua patria, em prestar serviço ao seu paiz, e coadjuvar aos seus consocios no empenho de serem uteis ás artes em Portugal.

NOVA CAMARA DOS PARES. — A commissão administrativa da camara dos Dignos Pares, convidou o nosso socio architecto Joaquim Possidonio Narciso da Silva, para vestoriar o estado das obras da Camara dos Pares, e dar o seu parecer sobre o que falta e é de urgencia concluir-se para não arruinar o edificio, e a maneira de remediar a pouca acustica da sala, e o escoamento das agoas para evitar estragos nas novas construcções.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS. — Tem chamado muito a attenção dos archeologos, a exposição das Bellas-Artes de Portugal, e principalmente o busto de el-rei D. Affonso Henriques, e as duas esculturas em alabastro feitas na India e trazidas para Lisboa pelo filho de D. Vasco da Gama, D. Pedro da Silva em 1537: o distincto litterato mr. *Ferdinand Denis* vae escrever a respeito das nossas antiguidades artisticas, será obra de grande interesse para o paiz e honroso para Portugal, encarregar-se d'esta analyse tão afamado escriptor.

CONSTRUCÇÃO DE UM NOVO MUSEU EM AMSTERDAM. — O nosso digno socio honorario mr. Leliman está encarregado de construir na capital da Hollanda um novo edificio para Bellas-Artes. Este cavalheiro nos informa que adoptou o estylo neerlandez de 1500 a 1700, visto ser destinado para as obras primas das artes d'aquella época. O reconhecido talento de tão habil architecto, lhe dará mais uma occasião para mostrar a fecundidade da sua imaginação, não obstante já ter executado tantas diversas obras nas quaes tem engrandecido a sua merecida reputação.

J. da S.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DO PRESENTE NUMERO

O PULPITO DA EGREJA DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

Do antigo mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, fundado em 1132 por D. Tello, hoje todo *retalhado, mutilado e deserto*, o que se conserva presentemente é a igreja que substituiu a antiga, mandada fazer por el-rei D. Affonso Henriques para lhe servir de jazigo.

A igreja, depois que el-rei D. Manuel a renovou e enriqueceu com diversas obras, ficou com uma só nave em logar de tres que tinha da primitiva construcção, com dois altares lateraes e dois no cruzeiro dentro de capellas, nas extremidades dos braços da cruz que forma a planta; o altar-mór está voltado para o oriente, segundo o uso das antigas igrejas, preceito symbolico rigorosamente observado nos templos gothicos.

Na capella-mór existem os dous mausoleus de D. Affonso Henriques e de D. Sancho, no gosto ogival puro, obra de grande trabalho e muito merecimento artistico os quaes foram mandados fazer por el-rei D. Manuel.

Uma obra de outro genero e estylo chama muito a attenção dos artistas e amadores: é a belleza e composição do pulpito desta igreja, não só por ser executado em marmore de uma só peça, como pela perfeição dos ornatos. A estampa xv pertencente a este numero mostra a sua configuração e esculptura: tem a forma octogona, porém apparecem só quatro lados, nos quaes dentro de avarandados nichos se vêem sentados os quatro doutores da Igreja; estes nichos estão ornados de pilastras, tendo diversos remates; ficando separados uns dos outros por espaços concavos, divididos na sua altura por dous baldaquinos arrendados, servindo os superiores para estatuetas representando a religião e as quatro sybillas, e nos outros inferiores os prophetas collocados sobre pedestaes. A parte que separa a misula do pulpito da sua parte superior mostra um friso circular ornado por seis seraphins, que parecem sustere a *cadeira da verdade*, vendo-se na extremidade inferior um dragão enroscado com as azas abertas do qual saem quatro cabeças que correspondem aos quatro angulos do polygono; entre este ornato, tambem circular, e o superior ha um outro convexo accusando os seus pontos de junção por corpos de chimeras, que indicam a disposição superior do octogono do pulpito, havendo entre esses espaços na parte convexa cabeças de leões. Não temos no nosso paiz outra obra igual a esta, não só pela perfeição do trabalho, a belleza da composição, como pelo estylo da esculptura que pertence ao xvi seculo; julgamos ser de artista italiano, porém infelizmente ignora-se o seu nome. Consta-nos haver em Goes dous tumulos, dos quaes nos informaram ser obra executada no mesmo gosto, e parece ser do mesmo artista, o que esperamos ir verificar, e talvez se encontre alguma indicação de quem era o habil esculptor que deixou em Portugal um testemunho do seu extraordinario talento. Citando nós esta delicada obra na publicação que fizemos na *Revista Pittoresca e Descritiva*, com vistas photographicas em 1861, citavamos: «*Que Carlos V desejava possuir o mimoso campanario de Florença dentro de uma redoma de vidro, podia-se pedir um estôjo de veludo para se conservar o primoroso pulpito portuguez de Santa Cruz de Coimbra.*» O modelo d'esta rica obra acha-se hoje na exposição universal de Paris; foi um grande serviço que a Associação dos Architectos Civis Portuguezes prestou ás artes do nosso paiz, fazendo conhecida esta esculptura na capital do mundo artistico em tão solemne occasião, a qual tem merecido ali muita attenção.

J. da S.



B. LIMA